

A CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS RIO2016: UMA ANÁLISE SOBRE OS ATRIBUTOS DE BRASILIDADE

Juliana Carneiro¹

RESUMO: O artigo analisa a Cerimônia de Abertura dos Jogos Rio 2016 e seu grande potencial simbólico e imagético. Ao longo do texto, é demonstrado como os organizadores recorreram aos aspectos culturais e simbólicos para potencializar a narrativa “representativa de uma nação” que, desde o processo de candidatura, foi caracterizada a partir dos paradigmas da brasilidade: a criatividade, a paixão, o calor humano, as belezas naturais e a diversidade. A conclusão é que, no evento, os conflitos sociais e as diferenças culturais ficaram minimizados nos discursos otimistas e harmonizadores da cidade criativa.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Diversidade Cultural; Celebrações;

Introdução:

Em 5 de agosto de 2021 estarão completos cinco anos desde o início dos Jogos Olímpicos Rio 2016. O megaevento que foi apresentado como um marco positivo na história do país; atualmente, todavia, tem sua imagem atrelada a escândalos de corrupção, crises e desperdícios financeiros.² Os aspectos negativos predominam sobre a principal mensagem contida no Dossiê de Candidatura (2009), em que os Jogos Rio 2016 seriam uma celebração, ao mesmo tempo, aceleradora das transformações sociais e garantidora de um legado infraestrutural sustentável para a cidade e para o Brasil.

A edição Rio 2016 carregava a marca de ser a primeira Olimpíada a se realizar na América do Sul. O governo Lula (2009), com a vitória da candidatura do Brasil, anunciou um futuro com momentos de “paixão e transformação”. Sua sucessora, Dilma Rousseff, sofreu impeachment antes de abrir os Jogos Olímpicos de 2016. Michel Temer assumiu e foi vaiado nas Cerimônia de Abertura e de Encerramento. De lá para cá, o campo cultural está num processo de retração acentuada, reflexo de uma conjuntura de crise política, social e econômica. Com a pandemia do COVID 19, o cenário é de tragédia: “infeliz atualidade vivemos na

¹ Professora do Departamento de Artes e Estudos Culturais (UFF) e Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: julianaspcarneiro@gmail.com. Rio de Janeiro, Brasil.

² Disponível em <https://exame.abril.com.br/brasil/reputacao-do-rio-apos-olimpiada-tem-saldo-negativo-diz-pesquisa>, acesso em mai. 2020.

cultura no Brasil. Hoje, as três tristes tradições retornam com inominável ferocidade. Velhas noções ainda servem para desvelar o novo velho país. Terrível atualidade”. (RUBIM, 2020)

Nesse artigo pretendo analisar a Cerimônia de Abertura dos Jogos Rio 2016 em função de seu grande potencial simbólico e imagético.³ Busquei apontar quanto e como, nessa cerimônia, se recorreu aos aspectos culturais e simbólicos para potencializar a narrativa “representativa de uma nação” que, desde o processo de candidatura, foi caracterizada a partir dos paradigmas da brasilidade: a criatividade, a paixão, o calor humano, as belezas naturais e a diversidade. A conclusão é que, no evento, os conflitos sociais e as diferenças culturais ficaram minimizados nos discursos otimistas e harmonizadores da cidade criativa. Na perspectiva da diversidade, a diferença e a identidade foram neutralizadas, cristalizadas e essencializadas. (BARBALHO, 2017)

As celebrações como representações da nação

O Rio de Janeiro levará um espírito de celebração único aos Movimentos Olímpico e Paraolímpico. Aproveitando sua riqueza e diversidade cultural, o Rio montará um programa de espetáculos e entretenimento para celebrar os Jogos, que irá envolver toda a cidade, tendo a beleza natural do Rio como cenário. (Comitê de Candidatura, 2009, v. 1, p. 36).

O processo dos Jogos Olímpicos é inteiramente permeado por “comemorações” que vão “esquentando” o clima da cidade-sede e do país até alcançar seu ápice: a cerimônia de abertura.

No caso dos Jogos Rio 2016, o Dossiê de Candidatura (2009) já anunciava que os projetos de Cerimônias⁴ teriam três características: a) seriam um ambiente tipicamente brasileiro (caloroso, colorido e empolgante); b) teriam um reflexo autêntico da diversidade e da universalidade dos Jogos Olímpicos; c) utilizariam exaustivamente os

³ As ideias centrais desse artigo são debatidas mais detalhadamente, no capítulo 3, da tese de doutorado intitulada “O lugar da cultura nos Jogos Olímpicos Rio 2016: uma análise comparativa entre o Dossiê de Candidatura e as Olimpíadas Culturais”. CARNEIRO, 2020.

⁴ Além das Cerimônias de Abertura também são consideradas celebrações: o lançamento de marcas, a escolha de mascotes, o revezamento da tocha e a cerimônias de encerramento.

cenários do Rio de Janeiro com a criação de imagens espetaculares (COMITÊ RIO 2016, 2009, v. 1, p. 41).

De todas as celebrações, a Cerimônia de Abertura é a que mais impacta a imagem do país. Vários especialistas reconhecem que, em função de sua grande audiência midiática, tais cerimônias se transformaram em espetáculos comerciais e sofisticados, que funcionam como oportunidade para cada país mostrar aquilo que espera que o mundo reconheça como sua identidade (BOURDIEU, 1997; SANTOS, 2018; RÚBIO, 2016; MELO, 2007).

A reflexão sobre identidade nacional (e seus respectivos atributos), presente nas narrativas produzidas para as cerimônias dos Jogos Rio 2016, se torna relevante em função da abrangência que a veiculação desses megaeventos tem alcançado no contexto atual. A relação existente no binômio comemorações-identidade nacional já foi bastante explorada em estudos acadêmicos, tais como Carvalho (1990) e Velho (1994). A ideia básica é que as sociedades contemporâneas, preocupadas com a perda do sentido do passado, procuram estabelecer caminhos para uma redefinição de identidade através de momentos de celebração. Tais momentos mobilizam o “imaginário social”, aqui compreendido como “um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais, verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando no conjunto de representações diversas”. (BARROS, 2014, p. 92-93).

Nessa perspectiva, a Cerimônia de Abertura dos Jogos Rio2016 pode ser tratada como um elemento chave para o processo de construção da identidade nacional, sobretudo pelo fato de reunir diversas tradições inventadas ao seu redor.⁵ Nesse caso, tradições sustentadas nos valores da criatividade e da diversidade, funcionando como uma grande vitrine mundial para o país. Procurava-se transmitir um ambiente de harmonia, um conagraçamento típico de uma nação híbrida, como é a brasileira.

⁵ Segundo Hobsbawn, tais tradições destacam-se como fatores importantes na formação de identidades nacionais ao longo da modernidade: “um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas (...) de natureza ritual e simbólica que visam incutir certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

Cerimônias nos Jogos Olímpicos

As cerimônias vêm ganhando importância e notoriedade, no decurso histórico das edições dos Jogos Olímpicos,⁶ especialmente a de Abertura e a de Encerramento. Para Santos (2018), as cerimônias funcionam como oportunidade única para cada país mostrar aquilo que esperam que o mundo reconheça como sua identidade. Por isso o autor as chama de “retratos da nação” uma vez que “esses eventos têm sua historicidade, ao mesmo tempo em que contam uma história”. “Em cada tempo e em cada local representam valores estéticos e artísticos, mas também importantes escolhas políticas na representação do que se espera expor para o mundo” (SANTOS, 2018, p. 108).

Desde as primeiras edições dos Jogos Modernos, haviam vários ritos protocolares: o Juramento Olímpico, o desfile de abertura com as delegações, a pira olímpica, a chegada do revezamento da tocha, que foram sendo introduzidos com a intenção de mimetizar e transplantar para a contemporaneidade a ritualidade que envolvia os Jogos gregos (MELO, 2007, p. 93). Ao longo dos anos, novos elementos foram somados à marcha dos atletas, como coreografias dançantes e encenações teatralizadas, que auxiliaram na fundação e fortalecimento dessa dramatização simbólica. Para Amaro et al (2014), desde a primeira edição dos Jogos (1896), as cerimônias de abertura possuíam rituais celebrativos, mas a partir da segunda metade do século XX, a “festa” deu lugar ao “espetáculo”. Após 1950 cresceu exponencialmente a reverberação midiática, com a popularização de novas mídias, como a TV e a internet, porém a cerimônia continuou essencialmente a mesma.

Nota-se um consenso entre os especialistas de que o crescimento da importância das “cerimônias”, no bojo dos Jogos Olímpicos, tem uma relação direta com o processo de midiaticização que o permeia: “estes ritos olímpicos tornam-se megaeventos ao mesmo tempo em que a presença dos meios de comunicação em sua cobertura se tornava mais

⁶ Tal crescimento ocorreu concomitantemente à evolução do interesse dos meios de comunicação pelos Jogos, cujo ápice pode ser localizado na aquisição dos direitos de transmissão das Olimpíadas de Los Angeles, 1984 pela rede ABC (EUA) por 225 milhões de dólares (GUTTMANN, 1992, *apud* AMARO).

forte, o que aumentou consideravelmente o interesse do público, exigindo espetáculos cada vez mais grandiosos” (AMARO et al, 2014, p. 6).

Há pelo menos duas décadas, pesquisadores têm se dedicado a refletir sobre a relação dos megaeventos com os meios de comunicação. Merecem destaque, os textos do Bourdieu (1997), que analisam o impacto das transmissões televisivas no campo esportivo. A premissa do autor é que os alguns megaeventos esportivos se transformaram em espetáculos onde prevalecem os aspectos econômicos de sua produção e administração. Nesses textos, o autor propõe uma análise dos Jogos Olímpicos a partir da premissa de que têm se transformado simbolicamente em um ambiente de exposições comerciais. Não só das competições esportivas propriamente ditas, mas também das cerimônias que as rodeiam. O autor chama atenção também para a necessidade de análise sobre o “campo de produção” do evento como espetáculo televisivo, em que diversos atores têm interesses específicos: o COI, as grandes companhias de televisão (OBS), os patrocinadores e os profissionais de mídia. E as cidades sedes de megaeventos valem como produtos através da transmissão da televisão que proporciona uma “planetarização do espetáculo” (Bourdieu, 1997, p. 125). A nossa “sociedade do espetáculo” se materializa nesse cenário, em que as cidades sedes de megaeventos assumem valor de produto comercial, pois “o espetáculo é o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem” (Debord, 1997, p. 25).

É nesse contexto que as cerimônias de abertura também se transmutaram em algo muito mais sofisticado do que um desfile dos atletas perante o público e as autoridades presentes no estádio. “Acontecimentos teatralizados, cujos atores buscavam entreter todos os espectadores (tanto no estádio, quanto via TV, rádio, internet e quaisquer outros meios de recepção audiovisuais) e, em última instância, divulgar a magnitude do evento e a pujança do país que viabilizava a festa” (AMARO, 2014, p. 6).

Nas Olimpíadas a cerimônia de abertura concentra as atenções midiáticas e o empenho do país-sede, que deseja apresentar-se por seus melhores “ângulos” aos “olhos do mundo”. Esse evento adquire maior repercussão principalmente devido às narrativas de segunda mão elaboradas pela imprensa. A cerimônia em si, ao vivo, é fundamental na formação dos discursos, mas o papel exercido pela imprensa *a posteriori*, auxilia a consolidação da memória sobre o acontecimento. A narrativa midiática, nesse

sentido, amplifica o episódio olímpico, conferindo-lhe contornos de espetáculo, que fogem ao âmbito esportivo (AMARO, 2014, p. 9).

A Cerimônia de Abertura dos Jogos Rio 2016

Na sexta-feira, 5 de agosto de 2016, ocorreu a abertura dos Jogos Rio 2016. Pontualmente, às 20h, no simbólico Estádio do Maracanã, iniciavam-se os primeiros Jogos Olímpicos a serem realizados na América do Sul.⁷ O megaevento foi transmitido por mais de 120 emissoras de todo o mundo, alcançando 3 bilhões de espectadores que somaram-se às 60 mil pessoas que compraram ingressos para assistir ao vivo o espetáculo de abertura.

O protocolo oficial, previu as seguintes etapas: 1) entrada do chefe de Estado; 2) reprodução do hino nacional do país-sede; 3) o desfile dos atletas; 4) a libertação simbólica dos pombos; 5) a abertura dos Jogos pelo chefe de Estado; 6) levantamento da bandeira olímpica e reprodução do hino olímpico; 7) a prestação do juramento olímpico por um atleta, seguido por um juiz e logo depois um treinador; 8) a chama olímpica e o revezamento da tocha; 9) e a programação artística.

A cerimônia começou com um espetáculo de fogos de artifício. Em seguida, um símbolo de paz, em forma de árvore, foi projetado no chão do estádio, representando os valores olímpicos. Ato contínuo, Paulinho da Viola executou uma versão do hino nacional brasileiro, enquanto a bandeira do Brasil estava sendo erguida. A partir de uma abordagem de marcos temporais, do que seria “a história brasileira”, a proposta foi representar a criação da vida no universo, precedida por uma tempestade. A partir dela, a formação das florestas e a origem do povo brasileiro ganharam destaque com a presença de dançarinos de Parintins representando os povos indígenas, antes da chegada de portugueses, africanos, árabes e japoneses. Em seguida, florestas e campos deram lugar a metrópoles formadas por 73 caixas de papelão que, na sequência foram transformadas no 14 Bis, avião pilotado por Santos Dumont, sobrevoando as praias cariocas assistidas pela estátua do Cristo Redentor no topo do Corcovado.

⁷ A cerimônia de abertura teve uma duração de 4 horas e foi dirigida por Fernando Meirelles, Andrucha Waddington e Daniela Thomas. Doze mil voluntários e bailarinos profissionais executaram as coreografias de Deborah Colker.

Durante a festa, 106 megaprojetores de luz, desenharam sobre o campo e as arquibancadas imagens coloridas e iluminadas que remeteram à natureza e ao patrimônio material e imaterial do Rio de Janeiro. Após essa sequência, a top model brasileira Gisele Bündchen fez uma aparição na passarela das faixas da famosa “Garota de Ipanema”, cantada por Daniel Jobim, neto de seu compositor, Tom Jobim. Em seguida, o Maracanã foi transformado em uma pista de dança gigante, para expressar a diversidade da música e da dança brasileiras. A apresentação abriu um bloco musical que percorreu diferentes estilos musicais. A cidade cenográfica se transformou em favela com Cristian do Passinho dançando ao som do “Rap da Felicidade”, interpretado por Ludmilla. Em seguida, Elza Soares cantou “Canto de Ossanha”, de Baden Powell e Vinícius de Moraes. Zeca Pagodinho e Marcelo D2 formaram um dueto representando a malandragem do Rio de Janeiro. E Karol Conka e MC Soffia também subiram juntas ao palco para cantar “Toquem os Tambores”, composta por elas para a cerimônia. Encerrando os números musicais, antes do desfile das delegações, Jorge Benjor levantou o público ao som de “País Tropical”. A cultura pop e a música, em particular, foram exibidas como um veículo para o engajamento das pessoas em cidades lotadas e divididas. As expressões musicais contemporâneas (rap, funk etc.) foram apresentadas juntamente com as expressões mais tradicionais, como o samba.

A primeira parte do show terminou com uma representação dos impactos causados pelo aquecimento global, com a calota polar derretendo e o nível do mar subindo. Como uma convocação ao reflorestamento, os atletas receberam sementes que representaram o compromisso do movimento olímpico com a pauta ambiental e sustentável. Nesse momento, houve a leitura do poema “A flor e a náusea”, de Carlos Drummond de Andrade, pela atriz Fernanda Montenegro; além da formação dos arcos olímpicos, tradicionalmente nas cores amarelo, vermelho, azul, verde e preto, representando os cinco continentes, feita com plantas.

O segundo momento da cerimônia, foi marcado pelo tradicional desfile dos atletas, inaugurado com a entrada da bandeira grega carregada pela iatista Sofia

Bekatorou.⁸ Além de todas as delegações, o desfile contou com a equipe Olímpica dos Refugiados e teve seu auge na entrada da delegação brasileira, liderada pela pentatleta Yane Marques.⁹ Seguindo o protocolo, iniciaram-se as falas das autoridades. Carlos Nuzman, presidente do Comitê Organizador do Rio 2016, deu as boas vindas à cidade do Rio de Janeiro: “Sejam bem-vindos ao Rio, capital olímpica do mundo. Vamos escrever uma história, feita por vocês, atletas, voluntários, espectadores e jovens. O sonho olímpico é agora uma realidade maravilhosa. O Rio acolhe o mundo de braços abertos. Tenho orgulho da minha cidade e do meu povo” (NUZMAN, 2016).¹⁰

O segundo discurso foi o do presidente do COI, Thomas Bach que saudou a equipe de refugiados e concedeu o primeiro Laurel Olímpico¹¹ ao grande atleta queniano Kipchoge Keino,¹² bicampeão olímpico em 1968 e 1972, “em reconhecimento por suas extraordinárias conquistas nos campos da educação, cultura, desenvolvimento e paz através do esporte”. Em sua fala, também reiterou os elogios à edição brasileira: “Esse é o momento da Cidade Maravilhosa. É a primeira Olimpíada na América do Sul, vão do Brasil para o mundo inteiro. Vocês transformaram a maravilhosa Rio de Janeiro em uma metrópole moderna e a fizeram ainda mais bonita”, exaltou Bach. “Nossa admiração por vocês é ainda maior, pois fizeram isso em uma época difícil da história do Brasil. Nós sempre acreditamos em vocês”, acrescentou (BACH, ago. 2016).¹³

O terceiro a falar foi o ex-presidente do Brasil, Michel Temer que, com um discurso de apenas uma frase (10 segundos), declarou “Depois desta maravilhosa festa, declaro inaugurados os Jogos Olímpicos de Rio, que se celebram na trigésimo primeira

⁸ Sofia Bekatorou é uma velejadora grega, campeã olímpica e tetra-mundial da classe 470.

⁹ Yane Márcia Campos da Fonseca Marques é uma pentatleta brasileira, bicampeã em Jogos Pan-americanos e única detentora de medalha olímpica do pentatlo moderno na América Latina.

¹⁰ Disponível em <https://www.olympic.org/news/a-brazil-style-opening-ceremony>, acesso em abr. 2021.

¹¹ Olympic Laurel é um prêmio concedido pelo Comitê Olímpico Internacional em homenagem àqueles que “promoveram grandes realizações na educação, cultura, desenvolvimento e na paz através do esporte”.

¹² Kipchoge “Kip” Keino, presidente do Comitê Olímpico do Quênia, é um ex-atleta queniano, bicampeão olímpico em corridas de meio-fundo.

¹³ Disponível em <https://www.terra.com.br/esportes/jogos-olimpicos/2016/bach-exalta-superacao-brasileira-e-homenageia-refugiados-em-discurso-no-rio-2016,44bb252e49a9f4b917c459b12be827d7igyhp.html>, acesso em abr. 2021.

olimpíada da era moderna” - cujo final mal se escutou por causa das vaias.¹⁴ Após os discursos, a bandeira olímpica entrou no estádio carregada por atletas e personalidades brasileiras. A cerimônia retomou sua parte artística, quando Wilson das Neves anunciou o último número da noite, batucando em uma caixa de fósforos e chamando grandes compositores do samba, antes da entrada de Caetano Veloso, Gilberto Gil e Anitta, que cantaram juntos “Sandália de Prata”, de Ary Barroso. O trio foi acompanhado pelas baterias das escolas de samba do Grupo Especial.

Na última parte do evento, o tricampeão de tênis do Aberto da França, Gustavo Kuerten, entrou no estádio com a tocha olímpica. Ele o entregou à jogadora de basquete Hortensia Macari, que a passou para o maratonista Vanderlei Cordeiro, que passou a acender a pira olímpica, uma estrutura metálica que girava como o sol. A chama olímpica foi levada para o Boulevard Olímpico pelo jovem Jorge Gomes, 14 anos, atleta da Vila Olímpica da Mangueira. A chama ficou acesa próximo à Candelária e, pela primeira vez na história dos Jogos de verão, fora de um estádio. E, para finalizar, mais um espetáculo de fogos de artifício.

Analisando o espetáculo

A realização dos Jogos Rio 2016 foi apresentada como uma oportunidade singular para o país. O ineditismo de ser a primeira cidade sul-americana a hospedar uma competição olímpica, tornou tudo muito mais desafiador. A imprensa internacional sempre foi pessimista quanto à capacidade do Brasil de sediar as Olimpíadas. Antes do início dos jogos, um fluxo constante de reportagens criticava os preparativos, condenava os despejos forçados e lançava dúvidas sobre se a infraestrutura vital seria entregue dentro do cronograma. Contudo, essa percepção começou a se alterar, junto à opinião pública, a partir da Cerimônia de Abertura, no dia 05 de agosto de 2016.

Pode-se dizer que, pouco a pouco, à medida do seu transcurso, os Jogos Rio 2016 passaram a receber um enfoque positivo da imprensa, com repercussões

¹⁴ O ex-presidente Michel Temer, no período da cerimônia de Abertura dos Jogos Rio 2016 se encontrava na condição de interinidade uma vez que o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff ainda não havia sido concluído. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/06/deportes/1470453395_263572.html. Acesso em abr 2021.

dentro e fora do país. Um dos pontos de inflexão das reportagens iniciou-se com a programação cênica, visual e pirotécnica da cerimônia de abertura. O espetáculo foi repercutido de maneira intensa nas redes sociais, com destaque para o consenso em torno da qualidade e do bom gosto do *show* oferecido pelo país organizador (HOLLANDA et al, 2017, p. 124).

A maioria dos veículos estrangeiros que acompanhou a cerimônia de abertura da Rio-2016, elogiou o evento. Uma reportagem da revista *Veja* analisou a repercussão da cerimônia de abertura na mídia internacional. Segundo a matéria, o *The New York Time* fala em festa “ao estilo do Brasil: “Samba, funk, maracatu, bossa nova... e Gisele Bündchen”. A festa musical brasileira no Maracanã e a presença da top empolgam a imprensa internacional. “Espetacular”, o jornal *Washington Post* ressaltou que o público acompanhou em coro “Os brasileiros conhecem as letras de centenas e centenas de músicas, portanto esses coros são muito comuns”. A rede BBC destacou a reação positiva de seus leitores nas redes sociais: “Não sei quanto a vocês, mas nós estamos impressionados até agora pela #CerimoniadeAbertura da #Rio2016. Uau!”. O britânico *The Guardian* elogiou a apresentação de Daniel Jobim, neto do compositor Tom Jobim, da famosa “Garota de Ipanema”, segunda música mais tocada na história, atrás apenas de “Yesterday”, dos Beatles, mas a cerimônia de abertura “nos lembrou que Garota de Ipanema é 20 milhões de vezes melhor que Yesterday”, brincou o *Guardian*.¹⁵

Tudo era lindo. Tudo era perfeito. Com abertura e encerramento que mostravam a beleza e a diversidade do país, a riqueza cultural e a união dos povos, em meio a lágrimas, sofrimentos, desafios e recordes vencidos, a imagem da Olimpíada no Brasil ganhava somente elogios da imprensa estrangeira (DANTAS, 2017, p. 39).

Os veículos da “grande imprensa brasileira”,¹⁶ com raras exceções, também repercutiram a cerimônia de abertura de forma positiva e elogiosa. Prevaleceu a versão que o espetáculo foi marcado por muita emoção e que valorizou elementos da cultura brasileira. A matéria da revista *Época*, do dia 8 de agosto, expressou o que os principais veículos de mídia comunicaram: “Todo mundo imaginava que a abertura da Olimpíada tivesse espontaneidade e criatividade. Mas a intensidade das mensagens de tolerância à

¹⁵ Disponível em <https://veja.abril.com.br/mundo/festa-da-abertura-da-rio-2016-empolga-imprensa-internacional>. Acesso em abr 2021.

¹⁶ Refiro-me ao grupo Globo de Comunicação, *Folha de S. Paulo* e *Estado de São Paulo*.

diversidade e de respeito ao ambiente em meio às crises do mundo surpreenderam e emocionaram. É possível imaginar que o Rio redefiniu o papel da cerimônia de abertura dos Jogos”.¹⁷

Hollanda et al (2017), no artigo que analisa a repercussão dos Jogos Rio 2016 em pesquisas de opinião, afirmou que apresentação artística foi considerada de elevada performance e de alto gabarito tecnológico. Segundo ele, de uma maneira geral, antes da cerimônia de abertura das Olimpíadas no Brasil, imperava uma considerável taxa de desconfiança e insatisfação de ambos os públicos analisados. Contudo, “após a festa de encerramento, a percepção generalizada, aferida em sondagens quantitativas de opinião pública, reconhecia o relativo êxito, na crença discursiva de que uma “missão nacional”, qual seja, organizar os megaeventos, fora bem cumprida pelo Estado e pela sociedade brasileira” (HOLLANDA et al, 2017, p. 128).

No caso da análise sobre os portais, os autores aferiram que também houve uma mudança de atitude na abordagem adotada pela imprensa nacional.¹⁸ Sua leitura possibilita a identificação, como no caso dos institutos de pesquisa, da passagem de um enfoque mais crítico e negativo para, à medida que avançaram as competições, um ponto de vista mais favorável ou positivo. “O conteúdo desse material, colhido entre 12 de julho e 2 de setembro de 2016, perfaz um total de 50 dias. Sua leitura possibilita a identificação, como no caso dos institutos de pesquisa, da passagem de um enfoque mais crítico e negativo para, à medida que avançaram as competições, um ponto de vista mais favorável ou positivo” (HOLLANDA et al, 2017, p. 132).

Essa visão otimista da maior parte da imprensa não preponderou nos textos acadêmicos que mantiveram o olhar crítico que vinha dominando a análise dos

¹⁷ Revista *Época*. Disponível em <https://epoca.globo.com/esporte/olimpiadas/noticia/2016/08/o-show-de-abertura-da-rio-2016.html>, acesso em abr. 2021.

¹⁸ Da pesquisa realizada, entre os inúmeros documentos do portal da FCRB, gostaria de ressaltar dois: HARAZIM, Dorrit. “É tudo nosso”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 5 ago. 2016. Rio 2016, p. 19. Disponível em <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/2137>; e MAGALHÃES, Luis Ernesto. O sucesso carioca no horário nobre nos EUA. *O Globo*, 16 ago. 2016. Disponível em <http://memoriadasolimpiadas.rb.gov.br/jspui/handle/123456789/1/simple-search?filterquery=Magalh%C3%A3es%2C+Luiz+Ernesto&filtername=author&filtertype>equals>, acesso em abr. 2021.

especialistas, já desde o processo de candidatura. O livro “Qual legado – Leituras e Reflexões sobre os Jogos Olímpicos Rio 2016”, publicado em 2018, reuniu vários pesquisadores sobre o tema e, já em sua introdução, apontava que o megaevento sucumbiu ao “ethos nacional perante ao olhar estrangeiro”:

Em meio a uma cerimônia de abertura marcante, em meio a vaias e a comportamentos efusivos do público em diferentes momentos, em meio a conquistas surpreendentes e a decepções anunciadas, cabe reconhecer que o Brasil não protagonizou a Olimpíada dos sonhos ou a melhor Olimpíada da história, como prometido pelo discurso oficial, mas realizou a Olimpíada possível (...) Daí que o Rio de Janeiro teve que optar por aquilo que vem singularizando o *ethos* nacional perante o olhar estrangeiro: a capacidade do imprevisto e da carnavalização, a sublimação da paixão e da emoção, a valorização do jeitinho e da quebra de protocolos (mesmo que isso não nos absolva de nossos pecados) (MARQUES, 2018, p. 10).

No artigo assinado por Kátia Rubio, a cerimônia de abertura foi apresentada como “o reforçamento da ideia do mito fundador e do semióforo de uma pátria virgem e intocada, de natureza transbordante, desvirginada pelos conquistadores europeus”. (RUBIO, 2018, p. 97). A autora lamenta que os elogios da mídia à cerimônia de abertura reforçam elementos do mito fundador, em que a história contada sobre uma nação multicultural e multiétnica buscava reforçar a cada imagem o acolhimento a todos aqueles que aqui chegaram e desejaram se instalar.

E então uma vez mais a criatividade e o jeitinho brasileiro são destacados como virtudes, encobrendo o rombo do orçamento ocorrido poucos meses antes da competição ter início em virtude da grave crise institucional que assolou o país, o que levou à necessária improvisação por parte dos criadores. Passada a festa, terminado o entorpecimento provocado pelos dias de suspensão vividos em função da irrealidade criada na cidade maravilhosa, ela e o país voltam àquilo que se pode chamar de normalidade. O gigante pela própria natureza volta para o hino nacional e as belezas e pujanças cantadas nas cerimônias aguardam pelo carnaval do próximo ano, afirmando assim o mito fundador e a necessidade de criação de um outro semióforo para o Brasil (RUBIO, 2018, p. 98).

O artigo escrito por Santos e Ricaud (2018), tem como objetivo evidenciar que a “referência à questão nacional” esteve presente em todas as cerimônias de aberturas dos eventos esportivos, sediados pelo Brasil, desde 1922. Em todas elas, as mazelas aparecem como se fossem naturais, não como construções concretas das relações sociais nas quais estamos inseridos. E ainda com a possibilidade de tudo terminar em festa. Com diferentes matizes, em diferentes temporalidades, o que se assistiu, segundo os

autores, foram cerimônias de abertura carregadas de significado cultural mas também, e principalmente, político.

É possível notar duas visões bastante antagônicas nos conjunto de textos citados. De um lado, uma cobertura da imprensa que, majoritariamente, valorizou a excelência do espetáculo, elogiou o baixo orçamento gasto e sublinhou positivamente aspectos da cultura brasileira.¹⁹ De outro lado, os textos acadêmicos trataram as cerimônias como reificação de clichês e caricaturas identitárias.

Considerações Finais

As comemorações dos Jogos Rio 2016 tiveram êxito em seu propósito de mobilizar os nossos tradicionais atributos de brasilidade. A Cerimônia de Abertura, a Cerimônia de Encerramento e o Revezamento da Tocha foram momentos-chave para a compreensão das questões aqui propostas. Os paradigmas da brasilidade, da criatividade e da diversidade apareceram como ativos para o Brasil se mostrar ao mundo a partir dessas construções narrativas. Contudo, mais uma vez, as imagens apresentadas aos bilhões de expectadores eram de um país harmônico, de conagraçamento típico de uma nação miscigenada. Em todos os casos, a preocupação foi de gerar imagens icônicas que viabilizassem uma estratégia de comunicação, centrada em ações de marketing.

Se os momentos comemorativos, por um lado, foram propícios para reforçar uma narrativa ancorada em elementos simbólicos que historicamente fizeram parte da construção identitária brasileira; por outro lado, ficou evidente que, recorreu-se uma vez mais, ao mesmo procedimento que se repete em nossa história: a tal da ideologia verde-amarela que, segundo Barbalho (2017), agora está ressignificada para os tempos de *noo poder*, da cidade espetáculo e da memória fixada.

¹⁹ Eula Dantas (2017) publicou artigo onde analisa a cobertura dos jogos realizadas por dois dos principais jornais brasileiro: *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. “Os jogos olímpicos na mídia brasileira”, v.1, 2017.

Bibliografia

AMARO, Fausto, MOSTARO, Filipe e HELAL, Ronaldo. Mídia e megaeventos esportivos: as cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de Atenas-1896 a Londres-1948. LOGOS DOSSIÊ – Megaeventos e espaço urbano. Edição 40, n. 24, v.1, 1º semestre 2014.

BARBALHO, Alexandre. Política cultural, jogos olímpicos e os valores da criatividade e da diversidade. In: *Memória das olimpíadas no Brasil* [recurso eletrônico]: diálogos e olhares, v. 1, p. 54-73. Lia Calabre (org.). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

BARROS, José D'Assunção. *História comparada*. Petrópolis: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Os Jogos Olímpicos. In: *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CARVALHO, José Murilo. A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

CARNEIRO, Juliana da Silva Pinto. O lugar da cultura nos Jogos Olímpicos Rio 2016: uma análise comparativa entre o Dossiê de Candidatura e as Olimpíadas Culturais. Rio de Janeiro, 2020. Tese de doutorado em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2020.

CARNEIRO, Juliana. *O programa de cultura dos Jogos Rio2016*: a disputa sobre o não feito. Rio de Janeiro: Recorde, v. 12, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2019.

CARNEIRO, Juliana. *O lugar da cultura nos Jogos Olímpicos: uma análise dos Jogos de Berlim (1936)*. Belo Horizonte: FuLiA/UFMG, v. 3, n. 1, set.-dez. 2018.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO (COB). *Dossiê de Candidatura do Rio de Janeiro a Sede dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos 2016*. V. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: COB, 2009.

DANTAS, Eula. Os Jogos Olímpicos na mídia brasileira. In: *Memória das olimpíadas no Brasil* [recurso eletrônico]: diálogos e olhares, v. 2, p. 31-44. Lia Calabre (org.). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do espetáculo*, Rio de Janeiro: Contratempo, 1997.

FONSECA, Vivian; CHAGAS, Viktor. *MAIS RÁPIDO, MAIS ALTO, MAIS FORTE, TEMER JAMAIS*: mediatização política, ativismo e liberdade de expressão entre torcedores-militantes nas Olimpíadas Rio 2016. In: 41º Encontro Anual da Anpocs, 2017, Caxambu. Anais do 41º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu: ANPOCS, 2017. v. 1. p. 1-31

FREITAS, Ricardo; RODRIGUES, Flávio; SANTOS, Maria. Estereótipos e Clichês: A (Re) Apresentação do Brasil na Cerimônia de Encerramento da Olimpíada 2012. *Animus*, Revista Interamericana de Interação Midiática. V. 13, n. 25, 2014.

HOLLANDA, Bernardo; MEDEIROS, Jimmy; BISSO, Luigi. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os jogos olímpicos Rio 2016. In: *Memória das olimpíadas no Brasil* [recurso eletrônico]: diálogos e olhares, v. 1, p. 115-138. Lia Calabre [org.]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção de tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Saraiva de Bolso, 1997.

HOLLANDA, Bernardo; MEDEIROS, Jimmy; BISSO, Luigi. Megaeventos esportivos, opinião pública e mídia: um balanço da cobertura midiática e das pesquisas quantitativas sobre os jogos olímpicos Rio 2016. In: *Memória das olimpíadas no Brasil* [recurso eletrônico]: diálogos e olhares, v. 1, p. 115-138. Lia Calabre [org.]. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2017.

MARQUES, José; JUNIOR, Ary (orgs). *Qual legado: leituras e reflexões sobre os Jogos Olímpicos Rio-2016*. E-book. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

MEDEIROS, Jimmy. “Pesquisa da FGV-CPDOC analisa a percepção dos cariocas sobre grandes eventos”. *Fator Brasil*. Disponível em <<http://www.revistafatorbrasil.com.br/imprimir.php?not=359751>>, acesso em out. 2019.

MELO, Victor; DRUMOND, Maurício; FORTES, Rafael; MALAIA, João. “De Olímpia (776 a.C.) a Atenas (1896) a Atenas (2004): problematizando a presença da Antiguidade Clássica nos discursos contemporâneos sobre o esporte”. *Phoenix*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 350-376, 2007.

RUBIM, Albino. *Infeliz Atualidade*. Texto inédito (prelo). Disponível em www.colecaoaponte.com.br. 2020.

RUBIO, Katia. A imagem do Brasil nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 110, p. 66-71, jul.-set. 2016.

SANTOS, João. Retratos da Nação: as Narrativas das Cerimônias de Abertura das Grandes Competições Esportivas Internacionais no Brasil (1919-2016). In: MARQUES, José; JUNIOR, Ary (orgs). *Qual legado: leituras e reflexões sobre os Jogos Olímpicos Rio-2016*. E-book. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: *Projeto e metamorfose*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.